

DOI: [10.46943/IX.CONEDU.2023.GT19.006](https://doi.org/10.46943/IX.CONEDU.2023.GT19.006)

# AÇÕES CONTRA O BULLYING DE IMAGEM CORPORAL NA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA

**VALDENOR CARVALHO MACIEL FILHO**

Aluno do Programa de Pós-graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT - IFAL) – e-mail: [valdenorfilho@hotmail.com](mailto:valdenorfilho@hotmail.com).

**NELSON VIEIRA DA SILVA MEIRELLES**

Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação Profissional e Tecnológica (ProfEPT – IFAL) – e-mail: [nelson.silva@ifal.edu.br](mailto:nelson.silva@ifal.edu.br).

## RESUMO

O presente artigo trata de discussões sobre o bullying de imagem corporal na educação e acerca da concepção de trabalho como princípio educativo, atreladas ao contexto da Educação Profissional e Tecnológica da Rede Federal. Assim, esta discussão, parte integrante de uma pesquisa em desenvolvimento em nível de mestrado, conta, por ora, com parte do levantamento teórico à realização do empreendimento investigativo, que já se caracteriza numa abordagem qualitativa. discorre-se inicialmente sobre a escola e a educação no contexto da sociedade capitalista, sequenciando em uma análise da violência no contexto escolar e do fenômeno bullying da imagem corporal e abordando o bullying no mundo do trabalho, fazendo uma análise da influência das relações experienciadas na escola com as relações estabelecidas nos ambientes laborais. Fruto de uma pesquisa bibliográfica, a análise presente no texto se fundamenta em autores que discutem sobre EPT e suas bases conceituais. As considerações finais sinalizam para a importância da educação integrada para a superação da violência no espaço escolar, a partir do desenvolvimento da consciência crítica e da autonomia no indivíduo.

**Palavras-chave:** Bullying; Educação Integrada; Educação Profissional e Tecnológica; Violência Escolar.

## INTRODUÇÃO

---

A Educação Profissional e Tecnológica (EPT) conforme Machado e Velten (2013) é historicamente influenciada por diferentes concepções de formação, dentre elas a que defende uma formação voltada para atender aos anseios dos arranjos produtivos, ao modelo de desenvolvimento econômico, implicando em uma formação tecnicista com foco no mercado de trabalho; assim, almejando uma formação profissional humanista, unitária ou na perspectiva da politecnicidade, com foco na formação integral do trabalhador.

Moura (2013) complementa que o ensino médio na condição de etapa final da educação básica, tendo em vista a realidade socioeconômica e educacional brasileira, em que grande parte dos filhos das classes populares precisam trabalhar antes dos 18 anos de idade, precisa ser alcançado, na perspectiva de uma sociedade justa, de uma formação omnilateral, integral ou politécnica para todos, de forma pública e igualitária e sob a responsabilidade do estado.

Assim, a escola é um ambiente de trabalho educativo, local de aprendizagem, principalmente se a comunidade escolar participar dos processos decisórios quando a gestão trabalha na perspectiva democrática, mas é também um lugar em que os profissionais da educação desenvolvem atividades necessárias ao exercício da profissão. A Formação continuada envolve outros setores da escola, como: o setor pedagógico, o técnico e administrativo, e principalmente os professores, por ser uma condição para a aprendizagem permanente e o desenvolvimento pessoal, cultural e profissional.

No contexto do trabalho, é na escola que os docentes enfrentam e resolvem os problemas que surgem no dia a dia, criam e recriam estratégias de trabalho e, com isso, vão adquirindo experiências profissionais, rumo à melhoria da educação (KUENZER e GRABOWSK, 2016).

A formação continuada é uma responsabilidade da instituição, mas também do próprio professor. É preponderante para o desenvolvimento da aprendizagem permanente, considerando os aspectos pessoal, cultural e profissional. Deve ser feita visando o desenvolvimento que sensibilize os docentes para a realização de ações críticas e reflexivas e se faz por meio de estudos, da reflexão, da discussão com seus pares dos saberes adquiridos, favorecendo aos professores crescimento individual e profissional, sendo de responsabilidade tanto da instituição de ensino como dos professores, que devem buscar a melhoria da prática docente para auxiliar

na formação integral, possibilitando o desenvolvimento nas dimensões, cognitivas, física, emocional, artística, cultural e social (RODRIGUES, 2007).

Segundo Silva e Silva Júnior (2021), A violência é um fenômeno social que tem estado presente diariamente no cotidiano das pessoas, em suas mais diversas manifestações, permeando as relações interpessoais, nos mais variados espaços e situações. A humanidade vivencia um mundo violento e competitivo, que cultiva o individualismo, a disputa e a desagregação. O capital, ao figurar como elemento central das relações sociais, inverte a relação sujeito/objeto, desencadeando um processo de reificação das relações sociais e alienação dos indivíduos.

A escola, microcosmo do todo social em que está inserida, reflete e reproduz, em suas estruturas e relações sociais internas, as relações que compõem a sociedade à qual faz parte. Desta forma, observa-se o agravamento da violência através do bullying da imagem corporal nas escolas como resultado de todo um conjunto de fatores que envolvem o contexto social, a escola e o indivíduo (SILVA e SILVA JÚNIOR, 2021).

O tema é um assunto muito discutido na mídia, nas escolas, nas famílias. Porém, o debate gira em torno de compreender frente aos alunos adolescentes a questão do culto ao corpo. Prática antiga que atualmente intensificou-se bastante, onde os indivíduos tem uma preocupação exacerbada com o modelo de seu corpo, buscando aproximar à sua forma aos padrões de beleza que são expostos na mídia, envolvendo a prática de atividades físicas e dietas nutricionais exageradas e sem acompanhamento profissional. Visto que é um tema importante a ser trabalhado na escola, principalmente para entendermos o motivo pelo qual os adolescentes estão cada vez mais preocupados com a imagem do corpo.

A percepção corporal é o modo como o indivíduo consciente ou inconscientemente estrutura a sua imagem corporal. Traduz a representação mental do corpo e aparência física, em relação ao próprio e aos outros. Segundo Moraes et al., (2012) “estas representações alteram-se ao longo da vida, acompanhando o crescimento, desenvolvimento e modificação do corpo”. Este conceito inclui as dimensões perceptiva (compreensão do tamanho e forma do corpo relativamente às proporções reais), afetiva (sentimentos acerca da própria imagem), cognitiva (pensamentos e crenças relativos à imagem corporal) e comportamental (atitudes tomadas para alterar algo em si) (LEITE et al., 2014).

A adolescência é caracterizada por transformações biológicas, físicas, psicológicas e sociais. Atrelado a esse contexto, pesquisas têm revelado elevada

prevalência de insatisfação com a imagem corporal em adolescentes, sendo mais acentuada no sexo feminino. Percebe-se uma gama de estudos (CORSEUIL et al., 2009) sobre a percepção da imagem corporal em adolescentes, os quais investigaram a prevalência de insatisfação corporal e a associação com indicadores antropométricos. Todavia, não foram encontrados estudos que verificassem os motivos que levam à insatisfação corporal.

Contextualizando a temática relacionada ao corpo, atualmente, é perceptível a enorme influência que a mídia vem exercendo sobre os jovens na busca pelo “corpo perfeito”, ocorrendo em momentos de maior fragilidade emocional, considerando as transformações de diversas ordens pelas quais passam esses jovens, gerando, na maioria das vezes, uma distorção da autoimagem corporal, levando, frequentemente, a consequências drásticas, como o isolamento social, a baixa autoestima, o aparecimento de transtornos alimentares, dentre outros.

## **METODOLOGIA**

---

A presente estudo é de caráter qualitativo, de natureza descritivo-exploratório, cujo método foi a pesquisa-ação, a qual, segundo Thiollent (1986), “é um tipo de pesquisa com base empírica, que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e participantes representativos da situação, ou do problema, estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo”. De acordo com Tripp (2005) “a maioria dos processos de melhora ou solução de um problema segue o mesmo ciclo, composto pelas etapas representadas em quatro fases do ciclo básico da investigação-ação, que são, planejar, agir, descrever e avaliar”.

Onde foi realizado uma análise documental a fim de obter artigos que tratem da temática proposta, cujo objetivo era entender os motivos e a prevalência de insatisfação com a imagem corporal em adolescentes.

Para a abordagem do tema do presente estudo, discorreu-se inicialmente sobre a escola e a educação no contexto da sociedade capitalista contemporânea, fazendo-se uma análise da influência das relações sociais e estruturais da sociedade nas relações internas da instituição escolar. Num segundo momento, realiza-se uma análise da violência no contexto escolar e do fenômeno bullying da imagem corporal como resultado das relações e valores instituídos pela sociedade. Num terceiro momento, aborda-se o bullying no mundo do trabalho, fazendo uma

análise da influência das relações experienciadas na escola com as relações estabelecidas nos ambientes laborais.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

---

### **CULTURA CORPORAL**

Existem vários fatores que influenciam a autoavaliação corporal, como a idade, gênero, etnia, nível socioeconômico, índice de massa corporal (IMC), meios de comunicação, fatores socioculturais, a família e os pares (SMOLAK, 2004). A criança desenvolve a imagem corporal precocemente, através das percepções das várias zonas do corpo a partir das suas experiências sensório motoras. Segundo Pereira et al., (2009) “com a idade verifica-se uma maior diferenciação do conceito de imagem corporal: aos dois anos reconhece a sua imagem no espelho e na idade pré-escolar percebe-se das características físicas preferenciais, influenciadas pela sociedade. Na adolescência aumenta a preocupação com o aceite social e com a aparência física e a insatisfação com a imagem corporal é mais prevalente”.

Ainda que os padrões de beleza estiverem ligados a valores socioculturais, a forma como o culto a determinados padrões de beleza é aderida na sociedade, pode ocasionar serias complicações para a saúde das pessoas (SILVA et al., 2010). Padrões corporais que levam adolescentes a depreciação por não estarem adequados no modelo que é imposto, mantendo-os sempre em conflito com o espelho, confinados nesse mundo que é estar sempre com o modelo corporal visto como belo pela sociedade.

Segundo Oliveira e Hutz (2010), “devido a insatisfação entre os adolescentes com relação ao seu corpo, são tomadas determinadas ações arriscadas, como a realização de dietas sem orientação de um nutricionista, atividades físicas exageradas, utilização de medicamentos como diuréticos, laxantes e anorexígenos e a indução do vômito que podem desencadear transtornos”.

Torna-se importante reconhecer os fatores relacionados com a insatisfação corporal nos adolescentes, dado tratar-se de uma situação prevalente e um dos principais fatores de risco para o aparecimento de perturbações do comportamento alimentar.

Em busca do padrão estético de beleza corporal exigido pela sociedade, as distúrbios alimentares apresentam-se como uma das respostas à busca frenética

pelo corpo perfeito. Esses transtornos alimentares fazem parte de um grupo de transtornos mentais potencialmente fatais, entre os quais destacam-se a anorexia, a bulimia, a vigorexia e a obesidade, que atingem principalmente adolescentes e adultos jovens, podendo ocasionar graves danos biológicos (PEIXOTO, 2012).

Segundo Farah e Mate (2015) “a anorexia define-se como uma aversão à comida, devido a causas psicológicas com diminuição do apetite, que levam a uma perda de peso severa”. A DSM -V (Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders) e o CID 10 (Classificação Internacional das Doenças), informam que a anorexia nervosa pode apresentar dois tipos clínicos, conhecidos como restritiva e purgativa.

Conforme Barreto (2017) “a bulimia nervosa é mais difícil de ser reconhecida, pois os indivíduos em geral sentem vergonha de seus problemas alimentares e tentam esconder os sintomas”. Nesses casos, a compulsão alimentar normalmente ocorre em segredo ou da maneira mais discreta possível, não apresentam sinais da doença e a maioria está em seu peso normal, caracterizando-se por uma ingestão compulsiva e rápida de grande quantidade de alimentos, com pouco ou nenhum prazer, alternando-se com comportamentos dirigidos a evitar o ganho de peso, como por exemplo, vomitar, usar excessivamente laxantes e diuréticos, além de submeter-se a períodos de restrição alimentar severa ou prática de exercício físico intenso.

Oliveira e Hutz (2010) deixam claro que “a vigorexia, também chamada de dismorfia muscular, é uma imagem corporal alterada que o indivíduo desenvolve em relação ao seu próprio corpo”. É mais prevalente em homens jovens, embora também haja vigorexia em mulheres. É uma condição psicológica que engloba problemas de saúde relacionados à imagem corporal e dependência de exercícios físicos. A pessoa tem uma preocupação excessiva e constante com seu corpo por não ser musculoso o suficiente.

De acordo com a DSM-5 (2013) “a obesidade é uma condição médica na qual se verifica acumulação de tecido adiposo em excesso ao ponto de poder ter impacto negativo na saúde, o que leva à redução da esperança de vida e/ou aumento dos problemas de saúde”. É o transtorno mais observado no comportamento alimentar, caracterizado pela ingestão de grande quantidade de comida em um período de tempo delimitado, acompanhado da sensação de perda de controle sobre o que ou o quanto se come.

## **A ESCOLA E A EDUCAÇÃO NO CONTEXTO DA SOCIEDADE CAPITALISTA**

A vinculação do trabalho à educação, social e historicamente, estruturou-se no país como um sistema diferenciado e paralelo em comparação ao sistema regular de ensino. Souza, Santana & Deluiz (1999) abordam que, na década de 80, já era compreendida a importância da escola no processo formativo do trabalho. Ou seja, ao compreender a escola como responsável por democratizar os conhecimentos de caráter universal, bem como os saberes de caráter científico, almeja-se que ela permita que o trabalhador interligue suas práticas profissionais à teoria.

Frigotto (1991), ao abordar a reflexão acerca do trabalho como princípio educativo na sociedade capitalista, “expressa que o trabalho deve se articular no sentido de não se moldar aos princípios da acumulação e expansão capitalista, de modo que o crescimento integral do aluno, o incentivo à sua atividade crítica, bem como o trabalhador não alienado e não objetificado sejam a sua essência.”

Saviani (2007), descreve que a ação pedagógica constitui uma imposição arbitrária da cultura da classe hegemônica à classe subalterna. O autor enfatiza ainda que “essa imposição se efetiva pela atuação da autoridade pedagógica através do trabalho pedagógico, que [...] ao reproduzir a cultura dominante, contribui para reproduzir a estrutura das relações de forças sociais”.

Mészáros (2008), ao analisar a educação institucionalizada no contexto do capitalismo, afirma o seu papel de fornecer as condições técnicas e humanas à expansão do capital e, ao mesmo tempo, contribuir para instalar valores que legitimam os interesses dominantes e que negam alternativas possíveis a esse modelo. O autor denuncia a lógica desumanizadora do capital que, conforme ele destaca, tem no individualismo, no lucro e na competição seus fundamentos.

Esse dualismo social e educacional, próprio da sociedade capitalista, marca as relações sociais pela desagregação, pela frieza, pelo individualismo e pela competição. Imprime-se uma lógica desumanizadora que, ao colocar o capital no centro das relações, deteriora a convivência humana e favorece os mais diversos tipos de violência, dentre eles o bullying de imagem corporal. Dentro das vivências escolares encontramos o conflito entre pares, que já são esperados que ocorram, quando ligados a agressões contínuas gerando prejuízos para um adolescente (MÉSZÁROS, 2008).

É através da formação integrada que se busca reverter essa alteração de valores, trazendo o homem para o centro das relações e buscando a formação dos indivíduos em sua totalidade, com o desenvolvimento dos diversos aspectos que compõem o ser social, através da formação no campo intelectual, cultural, educacional, psicossocial, ético, afetivo, estético e lúdico (FRIGOTTO; CIAVATTA, 2012).

## **VIOLÊNCIA NA ESCOLA: BULLYING DA IMAGEM CORPORAL**

A adolescência é uma fase vivida pelo indivíduo em que o mesmo transita para a fase adulta. É um período demarcado por questionamentos e incertezas, onde o adolescente encontra-se inseguro com seu próprio corpo, construindo uma imagem corporal frágil e que atinge sua autoestima. Período de construção de identidade psíquica e também corporal do jovem, já que vivencia a puberdade. Neste momento, sofre influências constantes a respeito da sociedade, do seu âmbito familiar e também cultural, o que incita, muitas vezes, no padrão de vida que o jovem define para si mesmo, atentando-se muito ao que é valorizado e aceito pela comunidade (DAMASCENO, 2010).

Em busca do padrão estético de beleza corporal exigido pela sociedade, as desordens alimentares apresentam-se como uma das respostas à busca frenética pelo corpo perfeito. Esses transtornos alimentares fazem parte de um grupo de transtornos mentais potencialmente fatais, entre os quais destacam-se a anorexia, a bulimia, a vigorexia e a obesidade, que atingem principalmente adolescentes e adultos jovens, podendo ocasionar graves danos biológicos (PEIXOTO, 2012).

Conforme Barreto (2017) “a bulimia nervosa é mais difícil de ser reconhecida, pois os indivíduos em geral sentem vergonha de seus problemas alimentares e tentam esconder os sintomas”. Nesses casos, a compulsão alimentar normalmente ocorre em segredo ou da maneira mais discreta possível, não apresentam sinais da doença e a maioria está em seu peso normal, caracterizando-se por uma ingestão compulsiva e rápida de grande quantidade de alimentos, com pouco ou nenhum prazer, alternando-se com comportamentos dirigidos a evitar o ganho de peso, como por exemplo, vomitar, usar excessivamente laxantes e diuréticos, além de submeter-se a períodos de restrição alimentar severa ou prática de exercício físico intenso.

Oliveira e Hutz (2010) deixam claro que “a vigorexia, também chamada de dismorfia muscular, é uma imagem corporal alterada que o indivíduo desenvolve em relação ao seu próprio corpo”. É mais prevalente em homens jovens, embora

também haja vigorexia em mulheres. É uma condição psicológica que engloba problemas de saúde relacionados à imagem corporal e dependência de exercícios físicos. A pessoa tem uma preocupação excessiva e constante com seu corpo por não ser musculoso o suficiente.

De acordo com a DSM-5 (2013) “a obesidade é uma condição médica na qual se verifica acumulação de tecido adiposo em excesso ao ponto de poder ter impacto negativo na saúde, o que leva à redução da esperança de vida e/ou aumento dos problemas de saúde”. É o transtorno mais observado no comportamento alimentar, caracterizado pela ingestão de grande quantidade de comida em um período de tempo delimitado, acompanhado da sensação de perda de controle sobre o que ou o quanto se come.

Charlot (2014) aponta a violência escolar como um dos maiores problemas enfrentados pela escola na atualidade. O autor afirma que “a transgressão das normas está atingindo a escola, a família e a sociedade como um todo e chama atenção para as diversas manifestações de violência”, entre as quais ele destaca agressões físicas, ameaças graves, pequenas brigas, assédio, palavras racistas, indisciplina escolar e incivildades, entre outras formas de violência social.

De acordo com Santos (2001), “as práticas de violência são resultantes dos processos de fragmentação e de exclusão social e política.” Loureiro e Queiroz (2005), por sua vez, destacam, como “violência, o não acolhimento do aluno pela comunidade escolar, o que desencadeia a ausência de um sentimento de pertencimento e identidade do aluno para com a escola.” Desta forma, por se sentir excluído, o discente não participa da elaboração das normas e, conseqüentemente, não se sente com o compromisso de respeitá-las.

Charlot (2014) faz uma abordagem dessa crise de formação cultural da escola ao discorrer sobre o momento em que a escola passa a ser vista sob a lógica econômica e social do desenvolvimentismo. Nessa lógica, fundamentada na teoria do capital humano, em que a educação é vista como um capital que favorece o desenvolvimento profissional, o papel da escola fica reduzido à preparação do indivíduo para o mercado de trabalho.

Para Silva et al (2017), “a escola brasileira, além de estar fracassando na sua função de possibilitar aos alunos a apropriação crítica da cultura, tem sido palco da proliferação de formas de violência daninhas a seu cultivo”, dentre as quais ele destaca o bullying da imagem corporal.

Para o enfrentamento das ações de bullying, faz-se necessário trabalhar a consciência do indivíduo, a fim de proporcionar-lhe condições para a devida percepção da constante estimulação social à violência e à frieza a que estamos expostos, representada pelos preconceitos, estereótipos e impedimentos à comunicação e à convivência cotidianas, tão presentes nas diversas organizações sociais, inclusive na escola (SILVA et al, 2017). Desta forma, segundo o autor, a consciência crítica figura como elemento central no processo de formação de professores e alunos, com vistas ao enfrentamento das ações de bullying da imagem corporal.

## **BULLYING NO MUNDO DO TRABALHO**

Pesquisas têm demonstrado que o bullying, muito presente no ambiente escolar, também ocorre nos espaços laborais. De acordo com Pinto e Branco (2011), o bullying é uma prática social que está relacionada com valores competitivos e individualistas, que são característicos da cultura dominante ocidental.

A escola, enquanto instituição social de educação formal inserida no sistema social, acaba por reproduzir a cultura ou o sistema simbólico dominante desse sistema, reproduzindo, conseqüentemente, esses valores, que se expressam na forma de estigmatização, discriminação e preconceitos, e que muitas vezes caracterizam as ações de intimidação sistemática (PINTO E BRANCO, 2011).

Os sujeitos envolvidos em episódios de bullying na fase escolar, sem a ocorrência de intervenções educativas eficazes, podem reproduzir esse comportamento agressivo nos ambientes de trabalho, prejudicando o ambiente laboral, as relações interpessoais e os sujeitos alvos de suas ações agressivas.

Na concepção de Marx (2013), "o trabalho é, antes de tudo, um processo entre o homem e a natureza, processo este em que o homem, por sua própria ação, medeia, regula e controla seu metabolismo com a natureza", ou seja, o homem se concebe como parte da natureza e nela, e por meio dela, constitui-se, assim como mediante a inter-relação entre os homens.

Frigotto (2005) traz a compreensão de que não se trata, porém, de uma estrutura e superestrutura produzidas por uma causalidade relacionada às forças da natureza, mas de um processo teleológico tecido nas relações de força ou de poder entre os próprios seres humanos.

A ocorrência do bullying nos ambientes laborais é um fato real, cuja frequência chama atenção para a necessidade de uma reflexão sobre o processo de formação

do ser humano na sociedade atual, reforçando o imperativo de uma educação integral e humanista, para além de uma formação estritamente técnica e profissional (TEIXEIRA, 2016).

Frigotto (2010, p. 27) afirma que o projeto educacional da burguesia brasileira “[...] reproduz, por diferentes mecanismos, a escola dual e uma educação profissional e tecnológica restrita [...] para formar o ‘cidadão produtivo’, submisso e adaptado às necessidades do capital e do mercado”.

Processo esse de alienação e heteronomia que contribui para a reprodução das relações de dominação de classes, com todos os valores, preconceitos e padrões de comportamento que acompanham essas relações e que estão na base de ações violentas como o bullying, bem como o bullying da imagem corporal, que tem na intolerância à diversidade e na necessidade de afirmação de poder e subjugação do outro seus principais fatores causais (CROCHÍK, 2012).

O acesso a esses conhecimentos, de forma integrada e numa perspectiva de totalidade, constitui um fator fundamental para à superação da crise de formação cultural, abordada por Silva et al. (2017) como um dos fatores responsáveis por diversas manifestações de violência presentes na sociedade, dentre as quais destaca-se o bullying.

Sobre essa questão, necessário se faz retomar o pensamento de Ciavatta (2012) para enfatizar que a luta pela implantação efetiva da educação integrada é, antes de tudo, um apelo ao resgate, pelas instituições educacionais, do sentido profundo da humanização do ser humano.

É uma luta contra a realidade que se apresenta, [...] com mundos que parecem ruir uns atrás dos outros frente às guerras, à violência desencadeada, à aceleração do tempo e da comunicação, às inversões do valor da vida e do trabalho que adentram nas escolas corroendo seu sentido educativo (CIAVATTA, 2012).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

---

A formação integrada, no momento que se volta para a formação do indivíduo em sua totalidade, abarcando os diversos aspectos que compõe o ser, promovendo uma formação intelectual, cultural, social, política, psicossocial e lúdica, contribui para redução da preocupação exacerbada com o modelo de seu corpo, buscando aproximar à sua forma aos padrões de beleza que são expostos na mídia.

Assim, o uso das metodologias ativas e a aprendizagem significativa tem um largo campo de aplicação e apresentam-se como viáveis. Mais do que isso, por tratar-se de conhecimentos que devem ter utilização prática, nada mais lógico do que o ensino voltado para a prática.

Percebe-se, portanto, a potencialidade da educação integrada e integral para a promoção da emancipação dos indivíduos, na medida em que possibilita a compreensão da realidade, com foco na totalidade, dotando-o de uma consciência crítica que se contrapõe ao processo de alienação e de heteronomia que lhe é imposto continuamente, e que o faz reproduzir acriticamente os preconceitos, valores, práticas e comportamentos que lhes são socialmente impostos e que estão na base de diversas formas de violência, dentre elas o bullying da imagem corporal.

A educação integral, ou omnilateral, está focada na formação holística do indivíduo, preparando-o para a vida em sociedade e não apenas para os interesses imediatos do mercado de trabalho, na medida em que busca formar o indivíduo em suas múltiplas capacidades, ou seja, de trabalhar, de viver coletivamente e agir autonomamente sobre a realidade, contribuindo para a construção de uma sociabilidade de fraternidade e de justiça social.

A formação integrada, no momento que se volta para a formação do indivíduo em sua totalidade, abarcando os diversos aspectos que compõe o ser, promovendo uma formação intelectual, cultural, social, política, psicossocial, ética, afetiva, estética e lúdica, contribui para redução da violência e a superação do fenômeno bullying.

Portanto, a partir das referências apresentadas, conclui-se que o uso dessas metodologias se apresenta como alternativa para a melhoria do ensino e aprendizagem, tanto por entrelaçar teoria e prática, como por considerar a realidade do estudante, respeitando sua autonomia no processo educacional e preparando-o para ser um sujeito ativo em seu meio social.

## **REFERÊNCIAS**

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. Diagnostic and statistical manual of mental disorders (DSM-5). 5th ed. Filadélfia: American Psychiatric Association; 2013.

BARRETO, M. J. R. As manifestações orais em pacientes com transtornos alimentares. [trabalho de conclusão de curso]. Natal-RN: UFRN; 2017.

CHARLOT, Bernard. Da relação com o saber às práticas educativas. [livro eletrônico]. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2014.

ClAVATTA, Maria. A formação integrada: a escola e o trabalho como lugares de memória e de identidade. In: FRIGOTTO, Gaudêncio; ClAVATTA, Maria; RAMOS, Marise (orgs.). Ensino Médio Integrado: concepções e contradições. São Paulo: Cortes, 2012. Cap. 3, p. 83-106.

CORSEUIL, M. W.; PELEGRINI, A.; BECK, C. C.; PETROSKI, E. L. Prevalência de insatisfação com a imagem corporal e sua associação com a inadequação nutricional em adolescentes. Rev. Educ. Fís. (UEM) 2009; 20(1): 25-31.

CROCHÍK, J. L. Fatores psicológicos e sociais associados ao bullying. Revista Psicologia Política, São Paulo, v. 12, n. 24, p. 211-229, 2012.

DAMASCENO, M. L. Transtornos alimentares: consequências da busca do corpo magro e desempenho esportivo. Revista Hórus, v. 4, n. 1, p. 254-271. 2010.

FARAH, M. H. S.; MATE, C. H. **Uma discussão sobre as práticas de anorexia e bulimia como estéticas de existência.** Educ. Pesqui. 2015;41(4):883-898.

FRIGOTTO, G. Trabalho, educação e tecnologia: treinamento polivalente ou formação politécnica. In: Silva. T. T. da (Org.) Trabalho, educação e prática social: por uma teoria da formação humana. Porto Alegre: Artes Médicas, 254-274. 1991.

\_\_\_\_\_. Estruturas e sujeitos e os fundamentos da relação trabalho e educação. In: Lombardi, J.C., Saviani, D., & Sanfelice, J. L. (Orgs.) Capitalismo, trabalho e educação (3. ed.). Campinas: Autores Associados, HISTEDBR, 61-74. 2005.

\_\_\_\_\_. A relação da educação profissional e tecnológica com a universalização da educação básica. In: MOLL, Jaqueline et al. Educação profissional e tecnológica no Brasil contemporâneo: desafios, tensões e possibilidades. Porto Alegre: Artmed, 2010. Cap. 1, p. 25-41.

GIL, A. C. Métodos e técnicas de pesquisa social. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GIL, A. C. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2007.

KUENZER, A. Z.; GRABOWSK, G. A produção do conhecimento no campo da educação profissional no regime de acumulação flexível. *Holos*, Ano 32, Vol. 6. 2016.

LEITE, A. C.; FERRAZZI, N. B.; MEZADRI, T.; HÖFFELMANN, D. A. Insatisfação corporal em escolares de uma cidade do Sul do Brasil. *J Human Growth Dev.* 2014;24(1):54-61.

MORAES, C.; ANJOS, L. A.; MARINHO, S. M. Construção, adaptação e validação das escalas de silhuetas para autoavaliação do estado nutricional: uma revisão sistemática da literatura. *Cad. Saúde Pública.* 2012;28(1):7-19.

LOUREIRO, A. C. A. M.; QUEIROZ, S, S. de. A concepção de violência segundo atores do cotidiano de uma escola particular: uma análise psicológica. *Psicologia Ciência e Profissão.* Brasília, v. 25, n. 4, p. 546-557, 2005.

MACHADO, L. R. S.; VELTEN, M. N. Cooperação e colaboração federativas na educação profissional e tecnológica. *Educação e Sociedade*, Campinas, v. 34, n. 125, p. 1113-33, 2013.

MARX, K. O capital: crítica da economia política. Livro I: o processo de produção do capital. São Paulo: Boitempo. 2013.

MÉSZÁROS, István. A educação para além do capital. 2ª ed. São Paulo: Boitempo, 2008.

MOURA, Dante Henrique. Ensino médio integrado: subsunção aos interesses do capital ou travessia para a formação humana integral? *Educ. Pesqui.*, São Paulo, v. 39, n. 3, p. 705-720. 2013.

OLIVEIRA, L. L.; HUTZ, C. S. Transtornos alimentares: o papel dos aspectos culturais no mundo contemporâneo. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 15, n. 3, p. 575-582. 2010.

PEIXOTO, A. L. Transtorno alimentar: entenda os aspectos que envolvem essas patologias e suas implicações nutricionais. Viçosa: A.S. Sistemas; 2012.

PINTO, R. G.; BRANCO, A. U. O bullying na perspectiva sociocultural construtivista. Revista Teoria e Prática da Educação, v. 14, n. 3, p. 87-95, 2011.

RODRIGUES, José. "Formar homens que o Brasil necessita, eis a tarefa da educação": o pensamento pedagógico empresarial na era Vargas. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n.26, p.160 –182. 2007 - ISSN: 1676-2584.

SAVIANI, Dermeval. História das ideias pedagógicas no Brasil. São Paulo: Autores Associados, 2007.

SILVA, Pedro Fernando et al. Limites da consciência de professores a respeito dos processos de produção e redução do bullying. Psicologia USP, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 44-56, 2017.

SILVA, N. C.; SILVA JÚNIOR, J. E.; Bullying na Educação Profissional e Tecnológica: análise crítica sob a perspectiva da sociedade capitalista contemporânea. Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica, [S.l.], v. 1, n. 22, p. e11778. 2021.

SILVA, A. J. B. et al. Imagem corporal de praticantes de treinamento com pesos em academias de londrina, PR. Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde. 2010.

SMOLAK, L. Imagem corporal em crianças e adolescentes: para onde vamos? Imagem corporal. 2004;1(1):15-28.

SOUZA, D. B. DE, SANTANA, M. A., & DELUIZ, N. (1999). Trabalho e educação: centrais sindicais e reestruturação produtiva no Brasil. Rio de Janeiro: Quartet.

TEIXEIRA, A. et al. Bullying no trabalho: Percepção e impacto na saúde mental e vida pessoal dos enfermeiros. Revista Portuguesa de Enfermagem de Saúde Mental, n.15, p. 23-29, 2016.

THIOLLENT, M. Metodologia da pesquisa-ação. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1986.

TRIPP, D. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 31, n. 3, p. 443-466, 2005.